

PEDRO NAVA (1903-1984): DE MÃOS DADAS COM A ENTREVISTA

PEDRO NAVA (1903-1984) AS VIEWED IN HIS INTERVIEWS

José Anderson Freire Sandes*

RESUMO: Destacamos neste trabalho linhas de proximidade entre literatura, jornalismo memorialismo e história a partir das entrevistas concedidas pelo memorialista Pedro Nava em diversos jornais e revistas do País. O objetivo é ressaltar a crescente diluição de fronteiras disciplinares. Pedro Nava pouco falou de si em suas memórias. No âmbito das entrevistas, ele preencheu vários hiatos e silêncios sobre a sua personalidade e a sua escrita.

Palavras-Chave: Jornalismo. Memorialismo. Literatura. História. Pedro Nava.

ABSTRACT: This work highlights connections between literature, journalism, memorialism and history through interviews supplied by memorialist Pedro Nava in several newspapers and magazines of Brazil. Its goal is to emphasize the increasing combination of disciplinary frontiers. Pedro Nava spoke little of himself in his memoirs. Interviews with him have filled in gaps about his personality and writing.

Keywords: Journalism. Memorialism. Literature. History. Pedro Nava.

Entrevista: um outro lado da memória

A entrevista é uma arte, uma prática. O jornalista abre um espaço no jornal ordenado pela recriação do fato, rememorado por meio da tensão permanente que se forma entre a pergunta e a resposta. A entrevista instaura uma tensão constante, pois tenta compreender os altos e baixos, silêncios e lacunas, ao interrogar personalidades e suas experiências nos diversos campos do conhecimento. Na verdade, a entrevista guarda dentro dos conceitos do jornalismo seus códigos, máscaras e artifícios. Códigos também relacionados à memória e à história. Objetividade no jornalismo inexistente. Mas o campo não deixa de ser dos mais importantes para a compreensão de processos políticos, sociais, culturais reconstruídos através da voz de protagonistas das mais variadas ações ocorridas no passado. A objetividade adquire, assim, um caráter cultural, uma tensão permanente em direção à verdade.

* Professor Assistente de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará/Campus Cariri. Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: jose_sandes@yahoo.com.br

Para Miquel Alsina “uma relação que existe entre a experiência e a memória coletiva”. (ALSINA, 2009, p. 255)

Na condição de gênero do jornalismo, a entrevista foi classificada por diversos estudiosos da mídia. Na ordenação de Edgar Morin, nos interessa um tipo especial de entrevista – a de neoconfissão – por se concentrar da interação pesquisa-pesquisador, um campo fechado, onde vão se concentrar forças sociais, psicológicas e afetivas. (MORIN, 1979, p. 121). A professora Cremilda Medina amplia o conceito e defende que a entrevista “quando atinge um grau maior de interação humana e, ao mesmo tempo, um grau de informações mais significativas” atende também à memória coletiva “demanda do consumidor ou exigências do público a quem se dirige o produto informativo.” (MEDINA, 2001, p.23).

Pedro da Silva Nava é um dos nossos maiores memorialistas. Dos setenta aos oitenta anos de idade produziu uma obra que, para os especialistas, é uma espécie de pedra de toque do memorialismo brasileiro: *Bauí de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1974), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978) *Galo das Trevas* (1981) e *O Círio Perfeito* (1983). Escreveu mais de duas mil páginas rememorando aspectos fundamentais da vida pública e privada da sociedade brasileira. Narrativa que começou no século XIX terminando, infelizmente, com a publicação de *O Círio Perfeito*. Pedro Nava não chegou a concluir *Cera das Almas* (2006) que seria o último livro de suas memórias. Inconclusa, a obra foi lançada pela Atelier Editorial. Ele se matou com um tiro na cabeça em 1984 próximo à sua casa, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro. Seus livros de memória, seu grande legado, causaram forte ressonância no meio cultural.

Nava, no entanto, pouco falou de si em sua vasta obra. Quando se colocou como personagem de suas memórias preferiu criar um alter ego – Egon Barros da Cunha. Não brigou com jornalistas, nem fez de suas declarações à imprensa um campo de batalha. Despertou, sim, sentimentos fortes. Os efeitos da passagem do tempo presentes também em suas entrevistas a jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, principalmente, geram reflexões sobre o passado, algo significativo e necessário para melhor compreensão da escrita de Nava e de sua relação com a vida.

Pedro Nava nunca se negou a dar entrevistas. Nem deixou de responder a qualquer pergunta. Nelas, o autor de *Bauí de Ossos* se desnuda. Falou de tudo ou quase tudo. Da Medicina (ele também era médico), dos “médicos marrons”, da história e da literatura. Lembrava sempre uma frase de Machado de Assis ao explicar as suas memórias: “A verossimilhança muitas vezes vale mais que a verdade”. Revelou aspectos de sua família e de sua vida íntima. Abriu seu apartamento para vários jornalistas. Um apartamento repleto de raridades, móveis, objetos e fotos antigas. Contou em detalhes a sua briga com parentes após a publicação de *Bauí de Ossos* e não escondeu o

que pensava sobre política, sexo, comportamento, velhice, juventude, vida, morte, entre muitos outros temas. Revelou, ainda, seus ressentimentos e pessimismo com os homens e a vida. Suas entrevistas causaram espanto. Preencheram lacunas e silêncios numa rica dialética das relações humanas dentro do que a professora Cremilda Medina (2003) chamou de “o diálogo possível”.

Nas diversas entrevistas que concedeu, Pedro Nava assinala que fez uma espécie de prestação de contas com o seu passado ao escrever suas memórias. No espaço das entrevistas, aprofundou as críticas à sua família pelo lado materno. Nunca se calou diante das perguntas, algumas até indiscretas, sobre sua relação familiar. Em uma delas, concedidas pelo escritor ao *O Pasquim*, ele falou abertamente das relações familiares numa Belo Horizonte da década de 1920.

Toda a família tem o seu cadáver no armário, não é isso mesmo? O defunto tá ali, se alguém abre e tira, fede pra diabo, a polícia intervém [...] Minha avó tinha um gênio muito ruim. Meu avô não discutia, era de uma mansidão absoluta. Não se separou dela, não brigou, nada. Arranjou um emprego longe de Juiz de Fora, como inspetor de telégrafo, e levava uma vida errante, gozando seu viver, que não era bobo. Tinha duas famílias no norte. Assim que minha avó perdeu os seus atributos físicos, ficando apenas com o mau gênio – que sempre teve – ele deu o fora da maneira mais discreta possível (DINES, ZIRALDO, *O Pasquim*, 27 ago. 1981, p. 11).

Numa outra entrevista a revista *Veja*, o memorialista conta dos aborrecimentos que teve com a família ao publicar *Bau de Ossos*.

Veja- Aborrecimentos?

Nava – Evidentemente. De todo o tipo. Familiares. Parentes que se ofendem. Descendentes de certas pessoas que eu cito. Houve até ameaças. Soube depois, que no dia do meu lançamento, eu deveria ter sido agredido por um sujeito de Juiz de Fora que eu nem sei quem é. Foi uma ameaça muito vaga.

Veja – Há razão para tanto?

Nava – Não. Em minha obra não há ofensa de espécie alguma. Faço muita caricatura, mas injúria nunca. Não tenho idéia sequer de ter sido indiscreto. Fui franco. Apenas saí do padrão usual dos memorialistas, porque não quis fazer investimentos, elogiando indiscriminadamente todo o mundo, para depois ter o título de benemerência. Eu conto o que se passou comigo. Jamais encontrei deuses pela vida afora. Só homens, que são como os descrevo: nunca perfeitos. (ARAÚJO, *Veja*, 17 abr. 1974, n. 293, p.4)

Logo após a publicação de *Bauú de Ossos*, Pedro Nava numa longa entrevista ao *Jornal do Brasil* falou pormenorizadamente sobre o seu desejo de escrever a respeito de sua família, seu clã, sua época. Para ele, a vida é um desfalque permanente. Por isso, o livro de memória, um meio de repovoar a sua vida. Entre muitos pontos, ele declarou preferir falar da gente que conheceu. Fugiu da autobiografia. Uma necessidade de encontro, reencontro, de recuperação do espaço, de tempo de ressurreição de gente – é o que sentiu Pedro Nava quando falou aos jornalistas sobre o seu *Bauú de Ossos*.

Se é tarde, posso dizer que venho me preparando para isso, há tempo. Já fiz uma tentativa: um diário, que comeci no tempo da ditadura de Getúlio Vargas. Do diário, resvaleci para o comentário e reminiscência. Quando veio o manifesto mineiro (1943), fiquei muito visado e ameaçado de prisão. Temendo agravar a situação, confiei esses originais a um amigo, que propôs, mais tarde, jogá-los fora, e os jogou. A segunda tentativa apareceu em um número especial de jornal: Evocação da Rua Bahia, num aniversário do Drummond de Andrade. Daí a insistência do Otto, do Sabino, para que eu escrevesse minhas memórias. De vez em quando, republicam aquelas evocações – uma espécie de Meu Boi Morreu, que sempre tocam, e voltam a tocar no piano. Escrever memórias é como mergulhar e volta à tona – ou como estar se afogando e subir à tona tantas vezes quanto nos ajude a memória. É como ir à dispensa buscar o quilo de carne com que passo os meus bifés. Mas o mais importante, para o memorialista, é a comunicação humana, o tipo de comunicação que alcançará. Sabe que é indispensável ser lido. Ser lido é ter companhia. E neste baú também os hostis são lembranças, fazem parte desta companhia. Mas eu tenho é vontade de ser entendido por gente nova, pelos jovens de hoje, uma gente mais apta e preparada. Os jovens devem saber que para vencer só devem existir. Além de tudo, porque a vida é um desfalque permanente (GORGA, *Jornal do Brasil*, 4 nov.1972, p.5).

Pedro Nava foi entrevistado, como já frisamos, por diferentes jornais e revistas do país. Entrevistado pelo menos duas vezes pela revista *Vêja*, em suas páginas amarelas, o memorialista recorreu a uma estratégia diferente quando convidado pela turma de *O Pasquim*. O maior sucesso da imprensa alternativa dos anos de chumbo, *O Pasquim* quebrou a estrutura textual no campo das entrevistas. No *Pasquim*, Nava não é tão contido quanto o foi no espaço da *Vêja*. Pelo contrário, sua fala é mais livre, solta de amarras sociais. Nos diálogos com os repórteres, ele aborda variados assuntos beirando a quase oralidade, como se estivesse conversando com amigos íntimos.

Minha avó materna fazia anotações até em livros de despesas ca-seiras. Escrevia os números e de vez em quando fazia uma observação, a maioria impertinente, esculhambando com os vizinhos,

ou até com o meu pai. Como boa sogra, teve uma hora que escreveu sobre ele: “Cachorrão”. (DINES, ZIRALDO, *O Pasquim*, n. 635, ago/ set. 1981, p.11).

Comparamos dois tipos de entrevista – o da revista *Vêja* e o do *Pasquim* com o único objetivo de melhor classificar o papel de cada veículo no seio do tecido social – e seu pacto com o horizonte de expectativa dos leitores – bem como buscar uma classificação mais clara para as diversas categorias de entrevistas. A entrevista das páginas amarelas da revista *Vêja* segue padrões convencionais, já estabelecidos em seu manual de redação. Enquanto as realizadas pelo *Pasquim* beiram à oralidade e quebram métodos e paradigmas convencionais. Segundo Cremilda de Araújo Medina (2003), o mais importante são as virtudes dialógicas da entrevista. Segundo ela, no cotidiano do homem contemporâneo não há espaço para o diálogo possível. É este “diálogo possível” que os melhores entrevistadores buscam: abrir canais para uma espécie de literatura de testemunho. O entrevistador sempre procura extrair uma melhor compreensão ou interpretação do mundo.

Muitos autores do campo da mídia, como já frisamos, classificam a notícia de diversos modos. Na área dos gêneros jornalísticos, os conceitos mudam de país para país. Entendemos que o jornalismo, como área do conhecimento, se configura, enquanto objeto científico, na classificação dos gêneros jornalísticos. A ordenação importa, principalmente, por refletir os valores da profissão e seus pressupostos metodológicos. No Brasil, dois pesquisadores se concentraram de forma pioneira na teoria dos gêneros jornalísticos: Luís Beltrão (1976) e José Marques de Melo (1985).

Acreditamos que pelo menos dois pontos se sobrepõem aos demais quando estudamos a milenar arte de fazer perguntas: entrevista cujo objetivo é a espetacularização do ser humano; e entrevistas que esboçam o intuito de compreendê-lo. Como na literatura de testemunho, na história no memorialismo ou qualquer outra forma de recuperação do passado, o jornalismo confronta-o com a decifração do real, este tomado como categoria bem mais geral do que a notícia e seu estrito sentido técnico. Para Cremilda Medina (2003) o entrevistador enfrenta uma especulação ilimitada, um mergulho na verdade de muitas faces, contradições em que a atuação do jornalismo é sempre relativa, nunca totalmente objetiva, cientificista, como pretendem os clássicos do mito da objetividade. “Diante de uma realidade cifrada (como Freud diante dos sonhos), inicia-se um processo de decifração. Trata-se da arte de tecer o presente, e não garantia de atingir a verdade absoluta”. (MEDINA, 2001, p. 330).

Para a professora, a arte de tecer o presente não deve se ligar apenas à conferência de dados apurados junto ao entrevistado. Aliás, um critério eminentemente técnico é a aferição de dados numéricos, conceituais ou formadores de juízo de valor. Mas para quem tem consciência de “frágil

decifrador do real” é necessário se cercar de toda a segurança possível diante da complexidade da entrevista – a essência do jornalismo não deixa de ser a disciplina da verificação. Na verdade o que a professora Medina (2003) coloca em jogo é o mito da objetividade. Mito presente também, guardada às devidas proporções, nos campos da história e do memorialismo. Pedro Nava, talvez, seja uma das poucas exceções com relação a essa questão, logo resolvida por ele no escopo dos seus livros. Ele sempre assinalou a necessidade de um determinado filtro. Numa entrevista ao *Estado de S. Paulo*, Nava foi claro sobre este aspecto: “quando vamos pescar uma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já vem molhado do presente. Quando atinge o que procura não é o mesmo anzol e o que traz também vem alterado”. (MOTTA, *O Estado de S. Paulo*, 15 fev. 1981, p. 10).

Tanto no memorialismo como nas entrevistas de neoconfissão, como as concedidas por Pedro Nava, deparamo-nos com uma espécie de “livro aberto”. A entrevista em profundidade é um dos mais importantes instrumentos de captação do real. Essa compreensão pressupõe, no seu aspecto de humanização, um diálogo interativo entre entrevistador e entrevistado. A missão do jornalista é estimular, criar um clima autêntico, no diálogo possível, de conexão entre o entrevistado e o receptor: auxiliar a compreensão do real, mas também coloca a dose adequada de emoção, sem o qual nenhum ato de comunicação alcança seus objetivos. Como na literatura, a entrevista tem seus gêneros. Cremilda Medina (2003) enumera vários. Alguns análogos à estrutura do romance: o pitoresco, o inusitado, a condenação, a ironia, a humanização. São todos perfis que trazem em seu bojo conflitos, conceitos, dramas humanos.

Lembranças dos outros

Nava ao falar de si e de suas ideias no plano da entrevista, revelou também comportamentos e valores no espaço da comunicação coletiva. O falar sobre si, movimento de autocompreensão, supõe a partilha da memória – “toda família tem um cadáver no armário”. No espaço do jornal, as afirmações individuais são partilhadas coletivamente pelos leitores. A memória individual não está inteiramente fechada, isolada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Escreveu Halbwachs a respeito de uma memória social e outra individual ou de uma memória autobiográfica ou histórica:

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos se o quisermos, de uma interior e outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda a história de nossa

vida faz parte da memória em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, mais ampla que a primeira. Por outra parte, ela nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos representaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (HALBWACHS, 1990, p. 54).

O autor diferencia, claramente, memória e história. A primeira é ordenada pelo grupo e permanece fiel a experiência vivida, enquanto a história organiza o passado por meio de quadros abstratos ordenados esquematicamente. Em *Memória Coletiva*, ele cruza em diversas passagens estes dois eixos. Uma sucessão cronológica de acontecimentos e datas não interessa, mas sim o quadro geral de determinada época. Afinal, a memória é em larga escala uma reconstrução do passado com a ajuda dos dados do presente como frisou Pedro Nava em entrevista ao *O Pasquim*. A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo. Acreditamos, desse modo, que a entrevista ao investigar, interpretar e documentar cria, também, um larga ponte com a história.

Ecléa Bosi, no livro *Memória e Sociedade*, reconstrói o passado através de uma série de entrevistas com idosos paulistas, com idade superior a 70 anos. O seu trabalho é dos mais importantes, porque através da fala dos velhos, o passado de São Paulo reaparece no trabalho da lembrança. No processo de rememoração se cruzam conceitos da história, da memória, e, por que não dizer, do jornalismo. Ecléa Bosi não faz propriamente jornalismo, mas a entrevista, marca da história oral, apesar das diferenças metodológicas, também é um procedimento utilizado por historiadores e jornalistas.

No passado, a função do velho era lembrar e aconselhar. Eles eram uma espécie de guardiães da história. Atualmente, em países como o Brasil, os velhos são marginalizados por um sistema que tenta destruir os suportes materiais da memória e bloquear os caminhos da lembrança. Na introdução de *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi deixa claro que seu trabalho a partir de uma memória pessoal alcança uma memória social, familiar e grupal. A autora indica que, quase sempre, essas lembranças deslocam as nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros 'signos' destinados a evocar antigas imagens. Ao abrigar o presente e o passado, a memória interfere no processo atual das representações. "A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1987, p. 9)

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias o passado. Afinal, a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de represen-

tações que povoam a nossa consciência atual. Para Ecléa Bosi (1987), a história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não é capaz de adentrar no terreno das paixões individuais e sociais que se escondem por trás de cada acontecimento.

Já Paul Thompson defende que a história oral é uma história construída em torno das pessoas, lançando vida para dentro da própria história e alargando seu campo de ação. Outro ponto abordado pelo pesquisador se relaciona às entrevistas como forma captação do real. Assim que os historiadores começam a entrevistar, veem-se em outra dimensão. “E para ser um entrevistador bem-sucedido é necessário um novo conjunto de habilidades, entre as quais uma certa compreensão das relações humanas”. (THOMPSON, 2002, p. 29).

A literatura, por sua vez, além da carga criativa e imaginativa do autor, apóia-se nos campos da memória e da história. Além disso, apesar dos embates acadêmicos, entendemos que o perfil, a biografia, a literatura de testemunho, o memorialismo, a autobiografia, o romance-histórico, o romance-reportagem e até mesmo algumas vertentes do jornalismo são formas de narrar que retomam positivamente o discurso social da literatura.

As entrevistas concedidas por Pedro Nava mostram, além do homem e suas ideias, o seu processo de trabalho na elaboração de suas memórias. Dono de uma escrita fragmentada, Pedro Nava renovou o memorialismo e interpretou a história do seu país ao se aproximar do repertório de vida do homem comum. Ao evocar suas lembranças, há muito recolhidas no armazém da memória, conquistou, por analogia, o leitor que poderia partilhar das suas lembranças com alguma simpatia ou até mesmo com certa interioridade. Com o sucesso de *Baú de Ossos*, avaliou melhor a importância do leitor médio brasileiro ávido por informações sobre genealogias, curiosidades regionais e nossa formação mestiça. Pedro Nava descortinou o passado em função do presente por meio de sua narrativa em que a ficção, a memória e a história se cruzam em complexo itinerário. De sua trajetória, o autor deixou marcas e pistas em suas entrevistas. Foi através delas que Pedro Nava dialogou, principalmente, com seus milhares de leitores.

Pacto com o leitor

A entrevista, por sua vez, também faz parte de uma história de testemunho ou história oral – como frisou Paul Thompson (2002). Seja quando aborda grandes homens, seja quando dá voz a cidadãos comuns. Nava, leitor de Proust e Freud, soube como ninguém utilizar os vários níveis da memória – tanto a documental, registrada em jornais, livros, receitas, cartões, fotografias, cartas, etc., como a involuntária. Alguns dos mecanismos do funcionamento da memória proustiana se exercem através de dois veto-

res: às vezes fruto da vontade voluntária, controlada ou tutelada pela razão; outras vezes resulta da necessidade, urgência de lembrar – portanto, involuntária, força e resíduo do acaso, das sensações. Em suas entrevistas, além de revelar o seu processo de escrita, Nava, certamente, deve ter se valido dos móveis da memória, principalmente naquelas mais informais como a de *O Pasquim*.

Alberto Dines – Li, recentemente, uma resenha sobre um livro americano “Memories” que põe em dúvida o mecanismo da memorização. Conta um episódio de Levy-Strauss, que narra como quando era pequeno, ele e a babá iam pelo Champs Elysée, e ele foi seqüestrado. O autor examinou isso e viu que nunca tinha acontecido, que era uma fantasia de infância. Provavelmente, era época do seqüestro do filho do Lindebergh.

Nava – Mas isso é perfeitamente válido. O menino tem um mundo meio mágico, meio estranho. Convivemos com as histórias que nos contam, e assimilamos aquilo como verdade, dando corpo. Minha mãe mesmo dizia: Mas você não pode lembrar disso. Ouviu contar ou imaginou.

Jaguar – Como era Juiz de Fora na época de sua infância?

Nava – Digamos que tivesse uns 20 mil habitantes. Tinha uma indústria incipiente.

Ziraldo – (orgulhoso) E a primeira usina hidrelétrica da América do Sul!

Nava – Construída pelo meu sogro: Antônio Nogueira Penido. Aprendi algumas letras por conta própria, e acabei de aprender a ler com as irmãs Andrés, filhas de um velho professor de francês. As aulas eram numa sala de jantar, numa mesa compridíssima, a meninada no meio, uma Andrés numa cabeceira, outra na outra.

Jaguar – Tinha palmatória?

Nava – Tinha uma palmatória simbólica, de couro, cheia, feito uma peteca. Elas ameaçavam com essa palmatória, que ficava pendurada perto de um relógio grande.

Ziraldo – Você está afastado há 70 anos dessa imagem, mas lembra dela com uma nitidez absoluta, como se fosse antontem?

Nava – Absoluta. Sou capaz de pôr todos os móveis daquela casa no lugar.

Ziraldo – Esse negócio de lembrar já tinha se manifestado? Você era um menino de memória boa?

Nava – Todo mundo me pergunta isso: como comecei a lembrar e a fazer memórias. Não me distinguia mais do que os outros em termos de memória. Hoje talvez sim, porque como é meu ofício fui aprimorando essa técnica. Arranco lembranças dos outros também, como uma sacarrolha, como o médico tirando algo de um paciente, ou um policial de um interrogatório (DINES; ZIRALDO, *O Pasquim*, n. 635, ago/ set. 1981, p. 11 e 12).

Em quase todas as entrevistas concedidas por Nava desde a publicação de *Bau de Ossos*, as questões envolvendo a memória – voluntária ou involuntária – foram por ele analisadas. Sempre citando Marcel Proust, sua maior influência, Nava explora com bastante vigor essa busca pelo passado. Um passado também repleto de livros e ideias por ele apropriadas. Numa longa entrevista que concedeu ao jornalista Lourenço Dantas Motta, o autor deu uma explicação, que achamos das mais convincentes, diante da pergunta sobre como separar a ficção da não-ficção no processo no processo da escrita, um problema que, no fundo, atinge não só o memorialista, mas também o historiador.

Evidentemente, o simples fato de grifar um personagem já significa alterar um bocadinho da essência dele. Realmente, eu não procuro fazer um relatório. Desse ponto de vista, pode-se ter a impressão de que dou mais valor ao que é, digamos, inverdade, do que à verdade. Mas não é assim. A verdade passa por um certo filtro, pois a pessoa tem que virar um personagem. A personalidade da pessoa observada, para que ela seja transformada em personagem, tem de ser um pouco falsificada. Aliás, não há reminiscência que não seja falsa. (...) Acho que falar de si é uma coisa muito desagradável, uma falta de educação. Geralmente, o sujeito que diz “eu”, “cu”, “eu” é um cacete, um chato de botas que cansa todo o mundo com a sua personalidade. A forma dada às memórias o foi exatamente pelo que você disse: eu sou o pretexto para contar aqueles fatos. Em minhas memórias sempre murcho a minha presença. Procuo não falar de mim, embora às vezes, fale, é claro. (MOTTA, *O Estado de S. Paulo*, 1981, p. 10).

A professora Cremilda Medina discorre sobre uma gama de conceito sobre a entrevista - “um mergulho na verdade de muitas faces”. São contradições, segundo ela, que relativizam a atuação do jornalismo, nunca totalmente objetiva, como pretendem os clássicos do mito da objetividade. Há que se investir, portanto, na percepção do real. “Sem forçar com qualquer formalismo literário, é preciso ter um bom repertório de saídas narrativas, por certo desenvolvidas pela arte, para tentar a representação possível do diálogo possível na comunicação coletiva”. (MEDINA, 2003, p. 43,44).

Pedro da Silva Nava cercou-se de ideias similares ao processo da entrevista quando falou de memória. À revista *Vêja*, ele abordou também a problemática da fidelidade dos fatos. “Nós levamos para o passado um lastro de presente que corrompe a nossa lembrança. Não sou historiador, sou memorialista. Trato de fatos que tenho a liberdade de interpretar porque fui participante deles” (ARAÚJO, *Vêja*, 17 de abr. 1974, n.293 p.4). Miquel Rodrigo Alsina em *A Construção da Notícia* lembra que a construção social da realidade por parte da mídia é um processo de produção, circulação e, principalmente, reconhecimento.

Portanto, essa relação entre o jornalista e seus destinatários estabelece-se por um contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido. Os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza uma prática contínua de auto-legitimação para reforçar esse papel social. (ALSINA, 2005, p. 47).

Contrato também referendado por Philippe Lejeune em *O Pacto Autobiográfico – de Rousseau à Internet*. Lejeune dirigiu seu olhar para os problemas do texto autobiográfico. O teórico francês preferiu localizá-los em algumas categorias numa definição mais ampla, ou seja, de uma narração retrospectiva, em prosa, que uma pessoa real faz da própria existência. Assinalou o autor sobre o pacto autobiográfico:

Percebe-se a semelhança entre esse pacto e o que é firmado por qualquer historiador, geógrafo ou jornalista com o seu leitor, mas é preciso ser muito ingênuo para não perceber, ao mesmo tempo, as diferenças. Não estamos falando das dificuldades práticas da prova de *verificação* no caso da autobiografia, já que o autobiógrafo nos conta justamente – e esse é o interesse de sua narrativa – o que só ele próprio pode dizer. [...] O que não é o caso das narrativas históricas ou jornalísticas. (LEJEUNE, 2008, p. 37)

Aqui se encontra o desafio, a entrevista como espaço de rememoração abriga tanto os elementos do pacto subjetivo quanto o desejo de verdade ou o contínuo exercício da verificação, próprio ao ofício do jornalismo. No jornal, a lembrança se situa também em espaço público e é apropriada coletivamente. O desejo identitário próprio ao jogo da memória deve ser confrontado pela perspectiva crítica do jornalismo. Tanto a história quanto o jornalismo buscam – por caminhos próprios – explicar a complexidade e atribuições do homem contemporâneo.

Considerações finais

Os depoimentos de Nava sobre o seu processo de escrita revelam um escritor preocupado com o seu leitor. Ele cercou-se de todo um aparato para a realização de suas memórias: fichas, entrevistas, questionários, plantas de casas, mapas de cidades, obras de arte, caricaturas, livros, enfim, de qualquer tipo de informação que melhorasse seu texto e situasse melhor a sua história. Geralmente, ele recolhia depoimentos dos seus companheiros de geração em um complexo exercício de verificação dos fatos. Era também minucioso

na sua escrita. Listava sinônimos de uma mesma palavra com o objetivo de não cansar o seu leitor e dar mais dinâmica e beleza ao texto.

Nava, em seu complexo processo de escrita, anotou tudo aquilo que viu ou ouviu, tudo o que seus ancestrais viram ou lhe contaram, tudo que sonhou e desejou quando projetou futuros ou investigou passados. Como disse em mais de uma entrevista: o importante foi o sentimento de reforma que deveria acompanhar o homem pela vida inteira, desde a mocidade à velhice. Por isso, a obra de Pedro Nava é considerada original e, para alguns estudiosos transcende o gênero memória, para invadir a crônica de costumes, a história das cidades e das gerações que nelas viveram. Segundo Arriguetti Jr. (1988, p. 75) “as memórias de Pedro Nava não reconhecem fronteiras de gênero, se reinventando a cada lance [...]”. Pedro Nava abandonou a zona de conforto, lugar preferido da maioria dos memorialistas, para escrever sua “catedral”. Como afirmou em *Chão de Ferro* “a questão é que o memorialista é forma anfíbia dos dois [de historiador e ficcionista] e ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar na possibilidade oceânica de sua interpretação” (1976, p.166).

Desse lugar múltiplo, nasceram as suas memórias que devassaram a história social e cultural do Brasil do final do século XIX até os anos 40 do século passado. Um vasto painel de indivíduos, famílias, cidades e instituições. Nunca buscou um projeto narcisista para elaborar as suas memórias. Pelo contrário. Pouco falou de si. Com seus seis volumes de memórias, Nava projetou-se em várias direções: literatura, história, sociologia, arquitetura, antropologia. No entanto, foi o suporte da entrevista jornalística que revelaram o homem e o escritor Pedro Nava – traços de sua personalidade, comportamentos, juízos de valor e seu processo criador. Entrevistas que, também, se cruzam com a memória e resguardam a história do presente. A entrevista, como um dos gêneros do jornalismo, investiga personagens que centralizam as alegrias, dúvidas, dramas, certezas e incertezas de uma comunidade. Nas entrevistas concedidas por Pedro Nava estão contidas suas angústias, desejos, esperanças ou desesperanças. Ou melhor: retalhos da memória.

Silviano Santiago(2002) lembra que, Mário de Andrade, quando lançou “Macunaíma” não conseguiu repercussão entre os leitores. Não se sabe, assim, o impacto que o livro provocou. As cartas de Mário aos modernistas não servem para um estudo da recepção da obra, mas sim para a construção da gênese do livro. Apenas um item, segundo Santiago (2002), pode ser levado em consideração com maior consistência: os artigos publicados pela imprensa. Nessa perspectiva, a fala de Nava, transcrita no suporte do jornal, representa uma multiplicidade de vozes debruçadas sobre a interpretação do seu texto. A entrevista compõe, na mediação das vozes, um novo texto. Ao leitor cabe decifrar as pistas que organizam as lembranças de um homem que ao evocar a sua memória adentrou pela história do seu país.

Referências

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ALTMAN, Fábio (org.). **A Arte da Entrevista**. Uma antologia de 1823 anos nossos dias. São Paulo: Scrita, 1996.

ARAÚJO, Olívio Tavares. A busca de si mesmo. **Veja**, São Paulo, n.293,17 abr. 1974, p. 3,4 e 6.

ARRIGUCI JR. Davi. O Móbile da Memória. In: _____. **Enigma e Comentário**: Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo. Cia das Letras, 1987.

BELTRÃO, Luís. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

_____. **O Tempo Vivo da Memória**. Ensaios da Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Ed., 2003.

DINES, Alberto e ZIRALDO. Pedro Nava no viço de seus 78 anos: lembrar dói e incomoda. **O Pasquim**. Rio de Janeiro, ano XII, n. 635, ago/set., 1981, p. 11-15.

GORGA, Remy. Nava, Um baú de lembranças. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 nov. 1972, Caderno B, p.5.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LE GOFF, Jaques. **Enciclopédia Einaudi – Memória e História**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, vol.1.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico – De Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de Tecer o Presente**. São Paulo: Summus Ed., 2003.

_____. **Entrevista – O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORIN, Edgar. **Linguagem da Cultura de Massa**, Petrópolis: Vozes, 1973.

MOTTA, Lourenço Dantas. Quando vamos pescar uma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já volta molhado do presente. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 15 de fev. 1981, Suplemento cultural, p. 8, 9 e 10.

NAVA, Pedro. **Baú de Ossos. Memória**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972, v. 1.

_____. **Balão Cativo. Memória**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974, v. 2.

_____. **Chão de Ferro. Memórias**. São Paulo: José Olympio, 1976, v.3.

_____. **Beira-Mar. Memórias**. São Paulo. José Olympio, 1978, vol.4.

_____. **Galo das Trevas. Memórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, v.5.

_____. **O Círio Perfeito. Memórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, v.6.

_____. **Cera das Almas**. São Paulo: Ateliê editorial, 2006.

SANTIAGO, Silvano. **Nas Malhas da Letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado – História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Artigo recebido em 19/04/2011 e aceito para publicação em 29/06/2011.